

AFONSO DO PAÇO

Grutas de Alcobaça Aditamento

Se M. Vieira Natividade fosse ainda do número dos vivos, escreveria com a mestria que lhe era peculiar esta pequena nota que nos permitimos redigir sem qualquer pretensão, apenas levados pelo muito apreço que votamos ao labor do notável arqueólogo alcobacense, e estima que nos liga a seus ilustres descendentes que tanto enobrecem a terra que lhes foi berço.

Dispondo hoje de conhecimentos científicos que ao tempo não existiam, permitimo-nos encarar alguns dos materiais arrecadados naquilo que com toda a propriedade chamamos "Museu M. Vieira Natividade", sob três aspectos:

- 1.º Campaniformes de Alcobaça,
- 2.º Análises espectrográficas,
- 3.º Sementes pré-históricas.

E porque a obra de M. Vieira Natividade se mantém íntegra, apesar dos anos volvidos sobre o tempo em que foi escrita, não lhe alteramos o título, apenas lhe adicionando, com permissão do seu Exmo. Filho o Prof. J. Vieira Natividade a palavra "Aditamento"

1.º CAMPANIFORMES

O facto de termos trabalhado na exposição arqueológica que se realizou em Alcobaça quando do centenário de M. Vieira Natividade em 4 de abril de 1960¹, levou-nos a um mais aprofundado contacto com os materiais arrecadados por este

¹ AFONSO DO PAÇO: *M. Vieira Natividade e as raízes de Alcobaça*. "Arqueologia e História", vol. IX, Lisboa 1961.

cientista, e daí a presente nota para dar a conhecer certas facetas sob ângulos arqueológicos só possíveis nos nossos dias.

Ora dentre as cerâmicas foi-nos permitido verificar a existência de um campaniforme desprovido de qualquer desenho, bem como três fragmentos decorados de um outro recipiente do mesmo tipo, todos recolhidos na gruta das Redondas.

Esta gruta, também conhecida pelo nome de Algar de João Ramos, é particularmente curiosa por conter, além de tudo um fundo paleolítico acerca do qual nos disse M. Vieira Natividade:

“Não posso deixar de chamar para esta gruta a atenção dos arqueólogos e geólogos atendendo à circunstância que nela se dá. Protegido pelo depósito que explorei, e em parte pelo manto estalagmítico, existe, segundo creio, um grande depósito quaternário. E não são eles tão abundantes no nosso país que mereçam ser abandonados. Se não fiz a exploração deste jazigo, é porque tendo pedido a visita científica do meu erudito amigo P. Choffat, ainda, até hoje, a não recebi. Não desejo fazer a sua exploração sem a assistência de um geólogo cujo nome chegue para autenticar os objectos que porventura nela possa encontrar.

Num pequeno corte de reconhecimento que pratiquei, descobri ossos pertencentes a um grande indivíduo de *equus* e dentes de outra grande herbívoro”².

Segundo este testemunho a gruta de Redondas teria servido a povos do *Paleolítico*, depois do *Neolítico* e finalmente do *Bronze I* peninsular.

A existência de um importante fundo *Neolítico* na Arqueologia da região de Alcobça, sobre o qual mais tarde se vieram instalar as populações conhecedoras da metalurgia do cobre, foi bem observado por M. Vieira Natividade que, sobre os contactos de ambos, nos deixou judiciosas considerações em seus escritos recentemente publicados³.

Ora estas populações de metalúrgicos, que encontramos bem definidas em extractos reconhecidos em Vila Nova de S. Pedro (Azambuja)⁴ e Parede (Cascais)⁵, e se apresentam com grande pujança nas penínsulas de Lisboa e de Setúbal, também se manifestaram na região alcobacense, não só pela metalurgia, mas ainda por algumas cerâmicas campaniformes, elementos estes que nos aparecem mais ou menos sempre aliados.

Destas cerâmicas podemos bem definir:

Campaniforme n.º 1

Trata-se de um recipiente quasi completo, desprovido de qualquer ornamenta-

² M. VIEIRA NATIVIDADE: *Grutas de Alcobça*. “Portugália”, vol. I, Porto 1901.

³ IDEM: *Mosteiro e coutos de Alcobça*. Alcobça 1960, pág. 19 e segs.

⁴ AFONSO DO PAÇO: *Castro de Vila Nova de S. Pedro: X-Campanha de escavações de 1956* (20.ª). “Anais da Academia Portuguesa da História”, vol. 8, II série, Lisboa 1958.

⁵ IDEM: *Povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*. Cascais 1964.

ção mas de certa elegância, medindo de diâmetro de boca 12 centímetros e de altura 9 centímetros.

Encontramos campaniformes sem decoração, entre outros, na gruta de Porto-Covo⁶, na gruta IV de Alapraia⁷, no Castro de Vila Nova de S. Pedro, etc.

A sua côr é um tanto escura, sem vestígios de qualquer engobe que o faça realçar. Fig. 1.

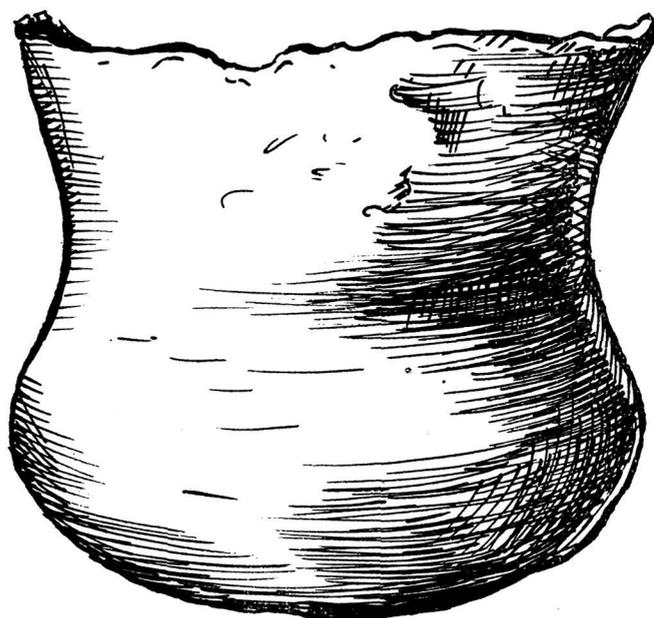


FIG. 1.—*Campaniforme, n.º 1*
de Alcobça.

Campaniforme n.º 2

Além do recipiente acima referido, há três fragmentos de uma outra vasilha do mesmo tipo, a que nos permitimos dar o nome de campaniforme n.º 2. Fig. 2.

Levados pelo desenho e outros elementos, consideramo-los todos do mesmo recipiente, se bem que rigorosamente, para tal afirmação, fossem necessárias análises cerâmicas que infelizmente ainda não é possível executar entre nós.

O fragmento da parte superior é de um bordo com decoração de linhas incisas praticadas com um utensílio de bico rombo, além de diversos reticulados de sulcos mais profundos.

Os fragmentos da parte média e inferior, se bem que um tudo nada diferentes na decoração, parecem constituir elementos de partes diversas da mesma vasilha.

⁶ AFONSO DO PAÇO e MAXIME VAULTIER: *A gruta de Porto-Covo*. "Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências-Porto 1942", Porto 1943.

⁷ AFONSO DO PAÇO: *Necrópole de Alapraia*. "Anais da Academia Portuguesa da História", vol. 6, II série, Lisboa 1954.

Em todos eles o desenho é inciso, a alma de côr castanho escuro e a pasta contém mica.

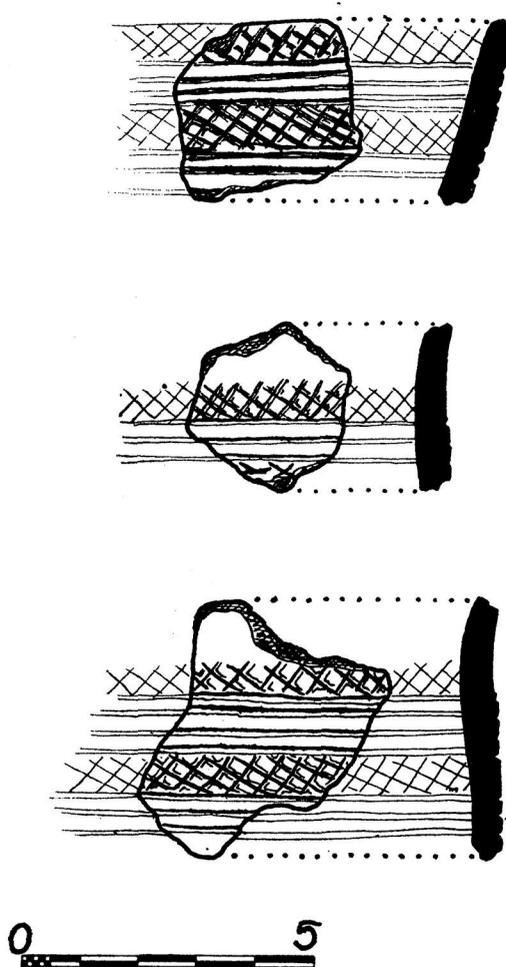


FIG. 2.—Campaniforme, n.º 2 de Alcobça (fragmentos).

O primeiro fragmento apresenta ainda um ligeiro brunido tanto no interior como no exterior. O segundo contém vestígios de engobe nas duas faces. No terceiro ainda é visível o engobe exterior, bem como restos de uma matéria branca que em muito realçaria a decoração.

O desenho inciso aproxima estes materiais alcobacenses dos de Montes Claros (Monsanto), onde este processo de decoração predomina sobre o pontilhado⁸.

Estes materiais do aro alcobacense dão-nos novos horizontes campaniformes, alargando o seu limite para o norte de Torres Vedras, região que até aqui se apresentava como balisa de uma expansão vinda da foz do Tejo⁹.

⁸ AFONSO DO PAÇO e MARIA DE LOURDES BÁRTHOLO: *Note sur la station archeologique de Montes Claros (Monsanto) et son campaniforme*. "Cronica del IV Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas-Madrid 1954", Zaragoza 1956.

⁹ O. DA VEIGA FERREIRA e LEONEL TRINDADE: *Objectos da necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)*. "Zephyrus", vol. V, Salamanca 1954.

Para a chegada de tais gentes a este recanto deve ter exercido capital importância o amplo braço de mar e porto abrigado que em tempos existiu na região de Valado, Cós, Maiorga, etc.¹⁰. Não devemos esquecer que estas populações de metalúrgicos foram excelentes navegadores para o tempo.

2.º ANÁLISES ESPECTROGRÁFICAS

M. Vieira Natividade recolheu nas suas explorações variadas peças metálicas de cobre, das quais, por iniciativa do Prof. Doutor Edward Sangmeister da Universidade alemã de Friburgo-em-Brisgau, foram tiradas amostras para análises espectrográficas pela Dra. Beatrice Blance, da Universidade de Edimburgo.

Tais análises foram executadas sob a direcção do Dr. S. Junglans, do Wurttemberg Laudmuseum de Stuttgart, e fazem parte de um grupo de 5.000 peças metálicas estudadas de museus da Europa central e ocidental que vieram provar a existência de uma metalurgia do cobre anterior à do bronze.

São em número de 39 as análises que se fizeram do conjunto metálico da primeira idade do Bronze do Museu M. Vieira Natividade, afora a de uma outra peça considerada romana.

Não inclui este grupo todos os utensílios de cobre ali existentes, pois de alguns, pela sua extrema pequenez ou pouca espessura não se tiraram amostras.

Os objectos analisados da região de Alcobaça (Fig. 3, 4 e 5) ocupam os números 1.747 a 1.787 da série dos 5.000 acima referidos, e são provenientes:

REDONDAS - GRUTA XI

| Análise | Sn | Pb | As | Sb | Ag | Ni | Bi | Au | Zn | Co | Fe |
|------------------------|----|-------|------|------|-------|-------|--------|----|----|----|--------|
| 1747 | 0 | 0 | 1,35 | 00 | 0,018 | 0 | 0,001 | 0 | 0 | 0 | 0,03 |
| 1748 | 0 | 0 | 0,25 | 0 | <0,01 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1749 | 0 | 0 | 1,85 | 0 | 0,064 | 0 | 0,032 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1750 | 0 | 0,022 | 3,6 | 0 | 0,015 | 0,015 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | <0,001 |
| 1751 | 0 | 0 | 1,47 | 0,03 | <0,01 | 0,021 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1752 | 0 | 0 | 4,5 | 0 | 0 | 0,013 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1753 | 0 | 0 | 1,05 | 0 | 0,012 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1754 | 0 | <0,01 | 2,2 | 0 | 0,021 | 0,011 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | <0,001 |
| 1755 | 0 | 0 | 4,6 | 0 | 0,16 | 0 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | <0,001 |
| 1756 | 0 | 0 | 4,7 | 0 | 0,020 | 0 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | <0,001 |
| 1757 | 0 | 0 | 4,4 | 0 | <0,01 | <0,01 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1758 | 0 | 0 | 4,1 | 0 | 0,046 | 0 | <0,001 | + | 0 | 0 | <0,001 |
| VALE DE VENTOS - Gruta | | | | | | | | | | | |
| 1759 | 0 | 0 | 1,66 | 0 | 0,01 | <0,01 | 0,026 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1760 | 0 | 0 | 0,80 | 0 | <0,01 | 0,042 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| CARVALHAL DE TURQUEL | | | | | | | | | | | |
| 1761 | 0 | 0 | 0,75 | 0 | <0,01 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

¹⁰ M. VEIRA NATIVIDADE: *Mosteiro e coutos de Alcobaça*, Est. XXIX.

| Análise | Sn | Pb | As | Sb | Ag | Ni | Bi | Au | Zn | Co | Fe |
|------------------------------------------------------|-------|------|------|-------|-------|-------|--------|----|----|----|--------|
| ARRIMAL | | | | | | | | | | | |
| 1762 | 0 | 0 | 1,66 | 0,032 | 0,072 | 0,011 | 0,011 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| CABEÇO DOS MOSQUEIROS - Gruta | | | | | | | | | | | |
| 1763 | 0 | 0 | 0,78 | 0 | 0,057 | 0,012 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | <0,001 |
| CABEÇO RASTINHO - Gruta | | | | | | | | | | | |
| 1764 | 0 | 0 | 2,7 | 0 | <0,01 | 0,011 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| VALE DO CARVALHAL - Gruta | | | | | | | | | | | |
| 1765 | 0 | 0 | 4,35 | 0 | 0,047 | 0,05 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1766 | 0 | 0 | 1,32 | 0 | 0,045 | 0,068 | 0,012 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| PENA VELHA - Gruta II | | | | | | | | | | | |
| 1767 | 10 | 0,47 | 1,20 | 0,35 | 0,20 | 0,052 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| CABEÇO DA MINISTRA - Gruta XII | | | | | | | | | | | |
| 1768 | 0 | 0 | 1,77 | 0 | Sp | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| ALCOBAÇA | | | | | | | | | | | |
| 1769 | 0 | 0 | 0,68 | 0 | Sp | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1770 | 0 | 0 | 0,64 | 0 | 0,032 | 0,087 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| ALCOBAÇA - Carris | | | | | | | | | | | |
| 1771 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| ALCOBAÇA | | | | | | | | | | | |
| 1772 | 0 | 0 | 3,5 | 0 | 0,027 | 0 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1773 | 0 | 0 | 1,13 | 0 | 0,29 | 0,037 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1774 | 0 | 0 | 1,47 | 0 | 0,045 | 0,038 | <0,001 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1775 | >10 | 0 | 0,55 | 0,51 | Sp | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0,052 |
| 1776 | 1,07 | 0 | 1,58 | 0,46 | 0,16 | 0 | 0,005 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1777 | 0 | 0 | 0,76 | 0,031 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| ALCOBAÇA - Serra de Vale de Ventos | | | | | | | | | | | |
| 1778 | 0 | 0 | 1,50 | 0 | 0,077 | 0,031 | 0,002 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| ALCOBAÇA | | | | | | | | | | | |
| 1779 | ~ 9,4 | 0 | 0,58 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1780 | 0,032 | 0 | 3,65 | 0 | Sp | 0,041 | Sp | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1781 | 0 | 0 | 1,80 | 0 | 0,012 | 0 | 0,002 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1782 | 0 | 0 | 2,45 | 0 | <0,01 | 0,015 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1783 | 0 | 0 | 0,96 | 0 | <0,01 | 0,013 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1785 | > 10 | 0,21 | 0,76 | 0,29 | 0,18 | 0,039 | 0,002 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1786 | 0 | 0 | 1,38 | 0 | 0,016 | 0,015 | 0,002 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 1787 | 0 | 0 | 1,70 | 0 | <0,01 | 0 | 0,002 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| SANTA CATARINA - Quinta da Ferraria - Romano? | | | | | | | | | | | |
| 1784 | 4,0 | 0,30 | Sp | 0,33? | 0,048 | 0,029 | 0,009 | 0 | >5 | 0 | >5 |

O grupo mais importante de utensílios de cobre é o da gruta das Redondas, de que se possuem 12 análises e onde M. Vieira Natividade diz ter recolhido 20 peças daquele metal¹¹. Das restantes, 10 são de outras grutas e 17 de achados avulsos além de um considerado romano. Daqui podemos inferir que, no aro alco-

¹¹ Grutas de Alcobaca.

bacense, e pelo menos nas imediações de Redondas, deve ter existido um povoado de metalúrgicos do cobre, certamente com uma indústria local como aconteceu em Vila Nova de S. Pedro, o qual deve ter influído em outras populações Neolíticas das vizinhanças, a julgar por um ou outro utensílio de metal que acompanhou os mortos na sua última jazida terrena.

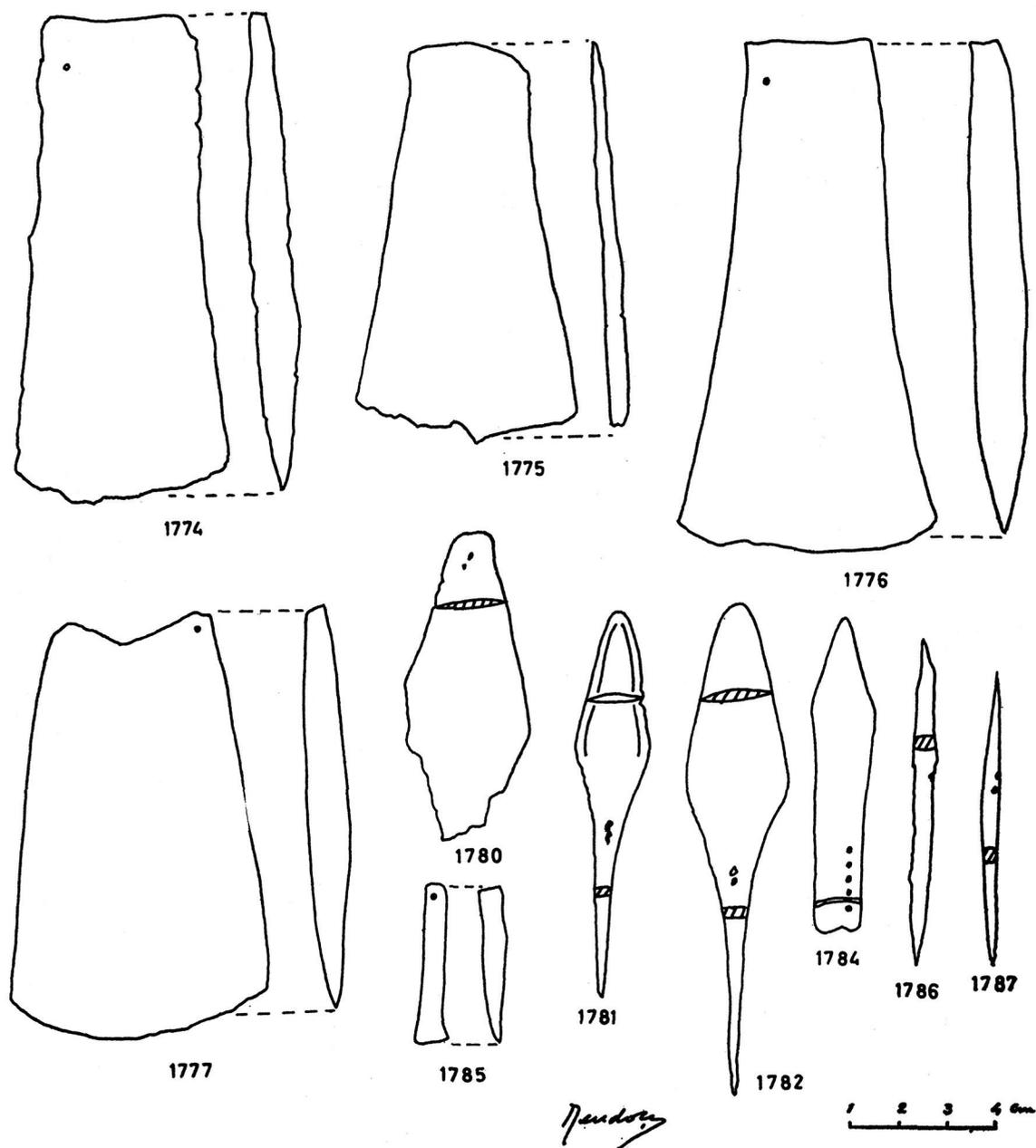


FIG. 3.—Objectos metálicos do Museu de Alcobaca de que se fez análise espectrográfica.

Se tal povoado um dia aparecer, poderá fazer-se um estudo mais perfeito dos conjuntos populacionais de que M. Vieira Natividade nos deu conhecimento.

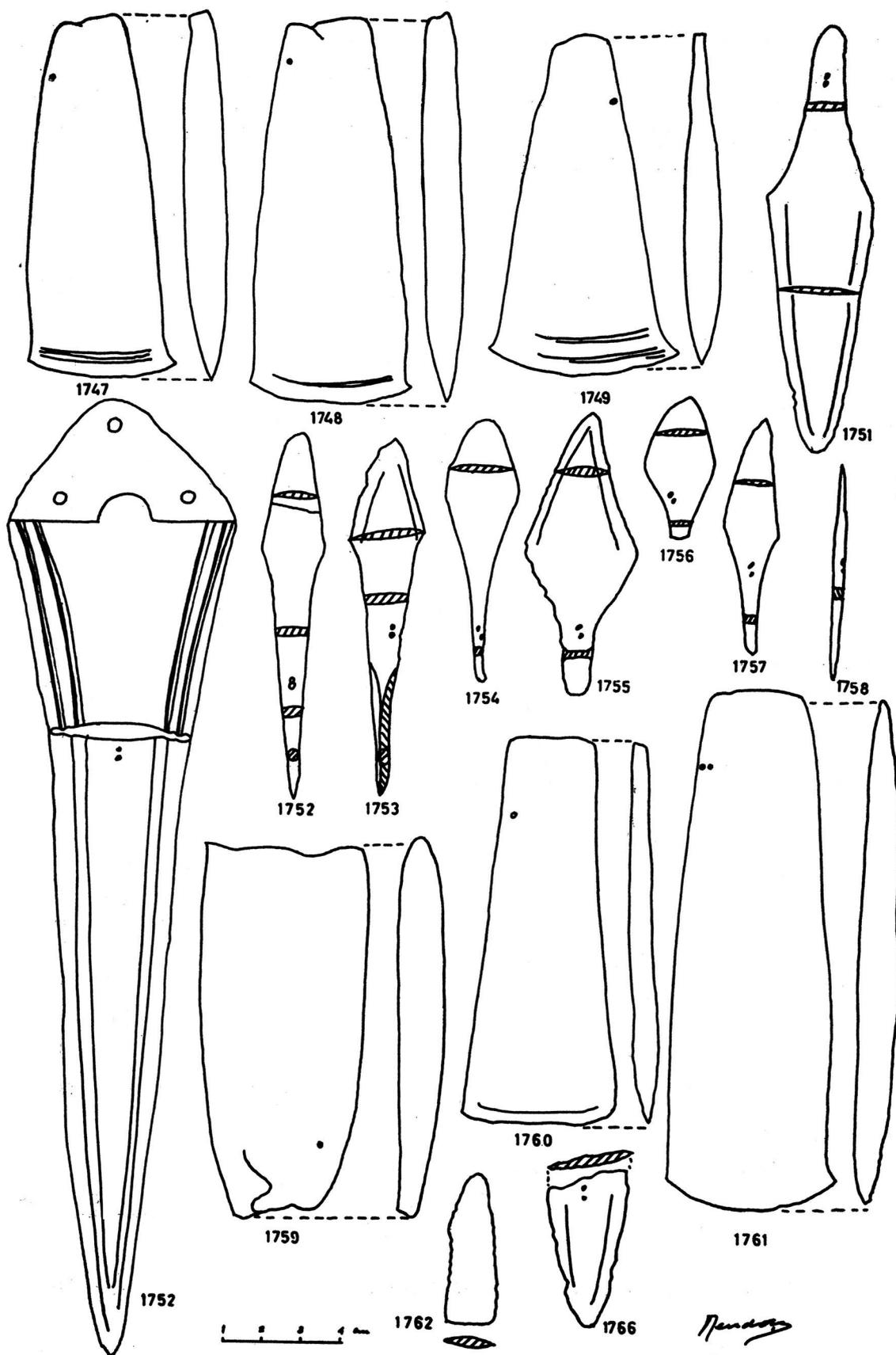


FIG. 4.—Objectos metálicos do Museu de Alcobaça de que se fez análise espectrográfica.

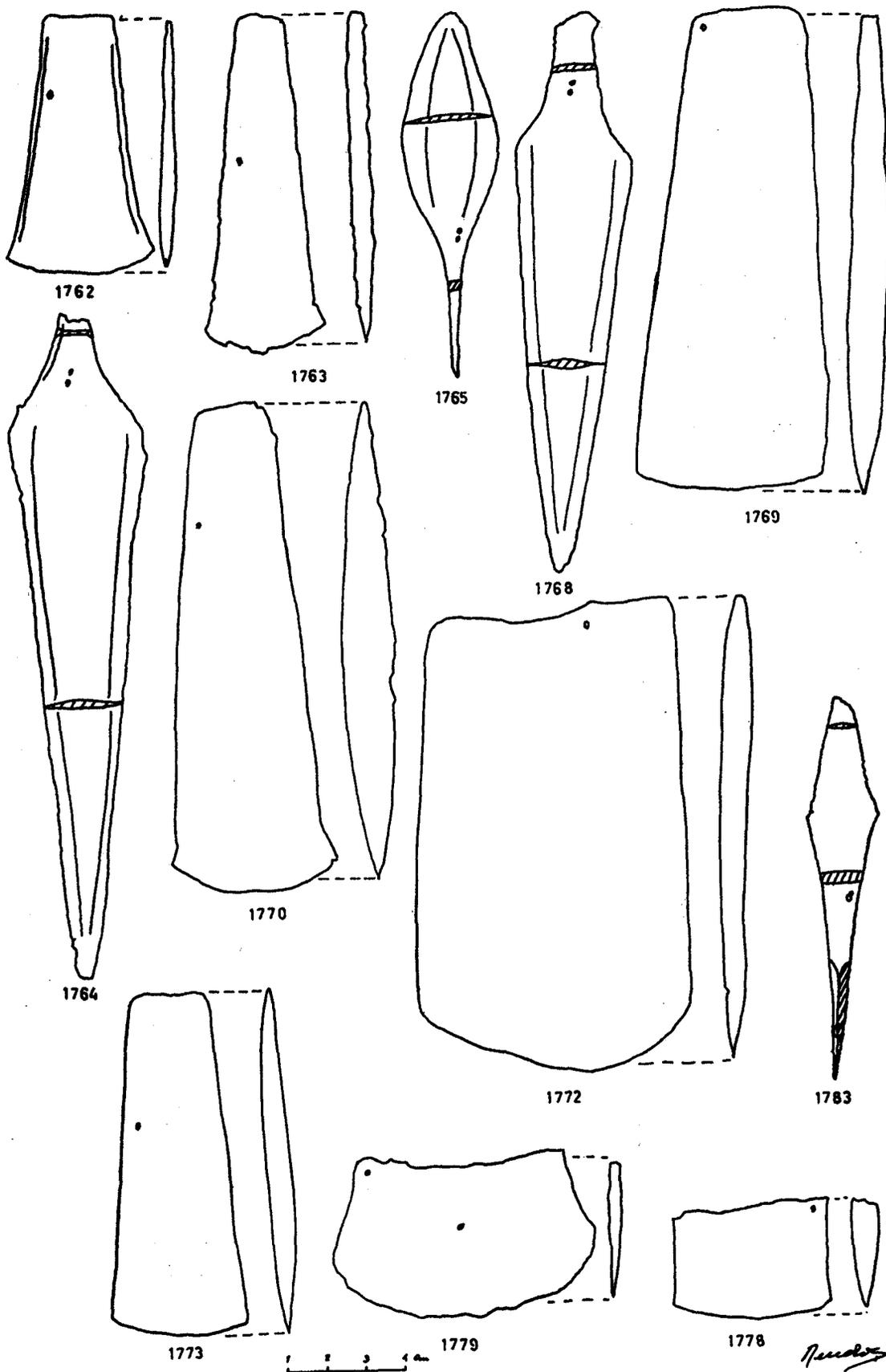


FIG. 5.—Objectos metálicos do Museu de Alcobça de que se fez análise espectrográfica.

3.º SEMENTES PRÉ-HISTÓRICAS

Na gruta das Redondas recolheu ainda o ilustre arqueólogo alcobacense um aglomerado de sementes incarbonizadas, que segundo os conhecimentos da época foram classificadas como sendo de trigo, mas que, analisadas hoje num laboratório por um botânico especializado se verificou serem grãos de cevada.

Diz-nos o autor ao falar daquela gruta:

“Numa das galerias N., e junto de restos de grandes vasos... foi achada uma boa porção de trigo carbonizado, e outras sementes que infelizmente se perderam.

O trigo pode observar-se com toda a nitidez, porque, perdendo todos os elementos constitutivos, menos o carbone, mantém intacta a sua forma primitiva”¹².

Estas sementes que formam um bloco cuidadosamente guardado numa redoma de vidro, julgaram-se extraviadas¹³, mas foram reconhecidas quando das comemorações centenárias de 1960. Enviadas para estudo ao Eng. Agrónomo A. R. Pinto da Silva, Chefe do Departamento de Fitosistemática e Geobotânica da Estação Agronómica Nacional, disse este acerca delas:

“Espólio de Manuel Vieira Natividade

Foi-me trazido para a colecção da E. A. N. em 9/6/1960 *Hordeum*, tanto quanto parece de grão nú, menor que o de V. N. de S. Pedro de 1952, com ca. 1,5-2 × 2,5-3 × 4-4,5 mm. Aqui e ali leves deposições calcárias, brancas, e grãos de terra amarela. Em 3 aglomerados que “desdobrei” e conservei em 5 tubos.

A assinalar:

- Um fragmento de *arista!*
- Uma base de flor, ainda com as glumelas (mas grão nu?). A aderência era mínima e o grão destacou-se, mostrando o “ráquila” e o “callus”.
- Um grão irisado (restos de gordura?)
- Com frequência interessantes e bem definidos aspectos do embrião.

17/6/1960

P. SILVA”.

Em carta que nos dirigiu em 20 de Junho de 1960, adianta Pinto da Silva:

“Já estudei os três fragmentos do aglomerado de sementes que o meu colega Leão Ferreira de Almeida me entregou da parte do Prof. Vieira

¹² *Grutas de Alcobaca*. “Portugalia”, pág. 456.

¹³ AFONSO DO PAÇO: *Sementes pré-históricas do castro de Vila Nova de S. Pedro*. “Anais da Academia Portuguesa da História”, vol. 5 II serie, Lisboa 1954.

Natividade por diligência do meu caro Amigo. E já hoje escrevi ao Prof. Vieira Natividade contando-lhe os meus sucessos e enviando-lhe um exemplar desse apontamento que aqui junto lhe mando.

Fiquei encantado por ter descoberto esse fragmento de arista ou barba, e essa base de flor. É a primeira vez que vejo material português de tal natureza, só antes o tinha visto em Madrid e em bibliografia.

O material está óptimo, com excelente "clivagem" mas muito frágil. Vou ver se consigo que me façam fotografias de pormenor com aparelhagem moderna que agora há na estação".

* * *

O grupo de sementes que se recolheu em Vila Nova de S. Pedro provém no extracto *Vila Nova I*, isto é, de uma fase anterior ao campaniforme ou *Vila Nova II*, e estavam soltas, se bem que incarbonizadas, mas as de Redondas formavam um aglomerado que foi preciso "desdobrar", e daí a sua mais difícil identificação pelos processos de que outrora se dispunha.

Desta gruta, conforme nos diz M. Vieira Natividade, perderam-se algumas sementes.

Em Vila Nova de S. Pedro reconheceu Pinto da Silva nos estudos a que procedeu, sementes de trigo, muito afins das do *Triticum sphaerococcum* var. *globiforme*, talvez ligeiramente mais evoluídas, mais próximas do *Tr. sphaerococcum* actual.

Na escavação de 1951 neste castro recolheram-se cariopses de cevada identificadas como sendo de *Hordeum* sp. var. (cevada nua).

De outras campanhas estudou o mesmo botânico *Vicia Faba* var. "Celtica nana", *Linum humile* Mill e bolotas de uma *Quercus* de que não é possível indicar a espécie. Além destas, provieram de Vila Nova de S. Pedro outros não menos interessantes achados: *Prunus avium* (cerejeira brava), em 1956, *Vicia bithynica*, em 1954 e *Pinus Pinea* (pinheiro manso), em 1956.

Isto prova-nos quão importante era a agricultura da onda de *Neolíticos* que se espalhou intensamente por todo o nosso país, e que, como não podia deixar de ser, se manifestou amplamente na região de Alcobça.

* * *

Não queremos encerrar esta despretenciosas linhas sem manifestar os nossos agradecimentos ao Prof. J. Vieira Natividade pelas facilidades que nos deu para a presente nota, a sua Excma. Esposa o desenho do campaniforme da Fig. 1, e ao Eng. Agrónomo A. R. Pinto da Silva o estudo a que procedeu das sementes pré-históricas.

AFONSO DO PAÇO